

SUZANNE REDFEARN

Autora bestseller internacional

# O Fim do Silêncio

Todos pensam que ela tem  
o casamento perfeito.  
Só ela sabe que é mentira.

TOP  
SEL  
LER

*Para Cary*

## CAPÍTULO 1



O padre desvia-se para um lado à espera de que o piano termine e depois avança para o púlpito. Fico sempre siderada pela altura dele e pergunto-me se não terá abdicado de uma carreira na liga de basquete em troca do hábito, ou se não terá ouvido o chamamento por estar meio metro mais perto de Deus do que a maioria dos mortais.

Sento-me entre os meus filhos — Addie, quatro anos, à minha direita, as pernas com meias brancas esticadas no banco, os sapatinhos de couro a rodarem como limpa-para-brisas; e Drew, oito anos, à minha esquerda, trajado com as calças cor de caqui bem passadas, o livro de salmos no colo. O meu marido, Gordon, senta-se atrás ao lado dele, os olhos intensamente fixos no altar, numa espera devota de que o evangelho comece.

Parecemos a família perfeita, e agrada-me fingir.

O Padre Kimball olha para a paróquia.

— Bem-vindos, meus caros irmãos e irmãs em Cristo, amados filhos de Deus...

Ao meu lado, Drew mexe-se. Basta um aperto firme do joelho às mãos de Gordon para ele parar de se mexer. Pego na mão de Drew para ele sossegar. Não há ninguém no nosso pequeno clã que tenha uma bexiga de ferro. Deslizo o olhar de soslaio para Gordon. Tem o maxilar retesado. Não lhe vai agradar nada que Drew se levante no meio do sermão. Claro que ainda lhe agradará menos que Drew faça chichi nas calças.

— Durante a primeira leitura do Livro de Isaías, ouvimos que o Senhor disse: «Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas.» Quando Nosso Senhor proferiu estas palavras sagradas, mandava os Seus filhos descartarem o passado para abrirem a porta a um futuro melhor...

Tenho mesmo de suspirar. Não quero saber de perdão, hoje, não.

Na cruz atrás do Padre Kimball, Jesus faz pose no seu momento de martírio final. À Sua direita, Santa Catarina, homónima desta igreja, sorri angelicamente para todos nós, cinzelada em mármore e mais bela e perfeita do que jamais poderia ter sido em vida.

Sorriso-lhe como tenho feito praticamente todos os domingos da minha vida. Ela faleceu com quase menos uma década do que eu agora, mas o seu legado perdurou quase um milénio, proeza impressionante para uma camponesa do século XIV.

Catarina foi a 25<sup>a</sup> de 26 filhos nascidos numa família pobre de Siena. Aos sete anos, alegou ter tido uma visão de Deus e, dada a experiência, consagrou-lhe a sua virgindade. Passou os 12 anos seguintes numa cela com três metros por um a rezar, a jejuar, a flagelar-se três vezes ao dia até Cristo a visitar e lhe pôr uma aliança no dedo (que só ela via) e disseram-lhe para terminar os tempos de solidão e entrar ao serviço de Deus.

As Dominicanas em Roma ainda lhe estimam o corpo na Igreja de Minerva, e a sua cabeça está num relicário na Igreja de São Domingos em Siena.

Abaixo da imagem de Catarina está um alto-relevo com os seus escritos: *Se quereis vingança e justiça, que se abatam sobre mim, pobre desgraçada, e dai-me qualquer sofrimento e tormento que vos aprouver, até a morte. Creio que, na vileza das minhas iniquidades, muitos males sucederam, e muitos infortúnios e discórdias. Sobre mim então, vossa pobre filha, venha a vingança que quiserdes. Pois eu, meu pai, morro de mágoa e não consigo morrer!*

Olho para o santo rosto que me olha de cima e penso: *Hoje serias diagnosticada como narcisista bipolar delirante com pendor masoquista, provavelmente assim ficaste porque eras a vigésima quinta filha e os teus pais andavam exaustos, logo, não te deram amor e atenção, e mesmo ficando numa cela a rezar e a passar fome, pelo menos teria paredes estofadas.*

É isto que acontece com todas as histórias improváveis da Bíblia — o meu cérebro superracional disseca e torna a montá-las até fazerem sentido e perderem toda a magia e misticismo: *As muralhas de Jericó ruíram por causa de um terramoto; Jesus caminhou sobre um pedaço de gelo flutuante tão comum no Mar da Galileia; Maria era marota e não se queria confessar.*

Todavia, mesmo com este cinismo todo, acredito. Entrelaço as mãos com força e rezo por orientação e misericórdia. Quando vejo o oceano, atribuo-o a Deus. Aspiro criar à Sua semelhança, esforço-me debilmente por imitar a Sua perfeição. Ele assombra as minhas decisões e as regras da Sua Igreja guiam-me. Tenho fé que Ele me ajude.

A mão de Drew passa da minha para o colo dele. Tem as pernas cruzadas, os joelhos a baterem um no outro.

O Padre Kimball continua a todo o gás sem dar sinal de abrandar. O ardor do público aumenta com as suas palavras, cada ámen ganha fervor até a paróquia quase soar batista.

— Vai — digo num sussurro ao ouvido de Drew.

Os olhos de Gordon mexem-se. Drew olha para mim e para o pai, e deixa-se de nervoso miudinho.

Faço um esgar a Santa Catarina.

Talvez não fosse louca. Talvez fosse genial. Mestre na manipulação e na vigarice que, ao reconhecer o seu baixo estatuto na vida, se apercebeu desde novinha de qual era a fuga perfeita e, aproveitando-se das superstições e medos dos seus pares, elevou com mestria a sua pobre posição social de vigésima quinta filha de um camponês àquela de santa.

Volto à minha pose de pessoa que vai à missa — olhos no púlpito, lábios mexendo-se em sintonia com o público — enquanto por dentro penso em Drew a encolher-se todo ao meu lado e a rezar para o sermão acabar.

— «... Eu sou Aquele que apaga as tuas transgressões, por amor de mim, e dos teus pecados não me lembrarei. Ámen.»

Um «Ámen» em glória vindo do público e os bancos da igreja começam a esvaziar-se para o dia lá fora. Drew corre à frente do magote e chega à antecâmara antes de toda a gente. Pego na camisola de Drew e vou atrás de Gordon e Addie.

A igreja de Santa Catarina ergue-se nos montes de Laguna com vista para o Pacífico. Está uma manhã emblemática da Califórnia — a beleza da primavera — o oceano a estender-se até à junção com o azul celeste, uma brisa ligeira a soprar aromas de magnólia e jasmim no ar.

Gordon leva-nos para o carro. Precisa de dormir. Vai trabalhar esta noite e Drew tem jogo da Liga Infantil esta tarde, o que dá a Gordon muito poucas horas de descanso.

Sorrisos fixos, inclinações de cabeça educadas e alguns acenos de princesa e entramos no carro e fazemo-nos ao caminho.

Um dia lindo. Uma família linda.

Agrada-me fingir.

## CAPÍTULO 2



**G**ordon chegou. Como um alarme silencioso, acordo de súbito, alertada por uma presença que não vejo nem ouço. Nove anos deixaram-me os sentidos apurados, tenho noção dele ainda antes de entrar na nossa rua ou na garagem.

A porta para o nosso quarto, deixada destrancada para ele não me acordar, abre-se e o cheiro a cerveja e algo feminino que não é meu assombra os passos dele, quase silenciosos. Espreito com os olhos semicerrados e vejo os números no relógio — seis, cinco, oito.

O turno dele terminou há uma hora. A deslocação demora 20 minutos. Desapontamento e mágoa familiar agigantam-se atrás do meu véu de sono fingido.

Esforço-me por manter a respiração estável para não me ver obrigada pelo orgulho a confrontá-lo, nem humilhada pela vergonha de não o confrontar. Embora a vergonha me deixe igualmente manietada.

O cofre abre-se, e a arma e o coldre dele ressoam ao pousá-los lá dentro, e depois o mostrador faz clique ao trancar. O relógio, a carteira e o distintivo ficam em cima da secretária. Ouve-se um suspiro quando ele se senta na cadeira ao lado da cómoda e descalça as botas da farda. As minhas pálpebras brilham com luz suave quando as portas do roupeiro se abrem e as botas são colocadas na exata fila de calçado por baixo da roupa pendurada dele. As biqueiras para fora e alinhadas. Do outro lado da alcatifa, os meus sapatos são espelho dos dele, alinhados com a mesma precisão — calçado de homem e calçado de mulher

defrontados em fileiras perfeitas, preparados para avançar um sobre o outro numa batalha épica.

As calças e a camisa escorregam pela conduta da limpeza a seco, a camisola interior, os boxers e as peúgas escorregam pela conduta da roupa suja. A porta fecha-se e, apesar dos meus esforços, o coração bate-me descompassado. Se a gaveta se abrir para de lá sair o pijama, vai correr tudo bem.

Passos descalços na alcatifa. Não sei dizer para que lado vão.

O lençol foge-me e, quando a corrente de ar me fustiga a pele, dou voltas à cabeça. Tenho de decidir se resisto ou não. É uma questão complicada. Para a qual não há tempo.

Ouç-o grunhir, mais do que a verbalizar, censura pelo meu aspeto grotesco, e sinto lágrimas nos olhos. Nisto, antes de poder piscá-los para as afastar, as mãos dele agarram-me por baixo dos braços e sou meio levada, meio arrastada, da cama e largada no chão.

Aterro de gatas, mas caio por terra quando me arrancam as calças do pijama das ancas. Com uma mão, ele puxa-mas dos tornozelos e, com a outra, vira-me de barriga para cima.

Pisco os olhos bem depressa para focar o momento. Ele está de joelhos, o peito a pairar sobre mim. A barba, mais loura do que o cabelo cor de ferrugem, interrompe o risco liso do queixo. Tem a boca fixa num esgar, e encolho-me perante tanto ódio. Os olhos dele, durante o dia, claros como vidro, estão dilatados e escuros e varrem-me o corpo a avaliar o quanto me tenho desintegrado.

— Gordon, por favor — consigo dizer, as mãos a voarem instintivamente para me cobrirem o rosto. São demasiado lentas, e o calor sobe a encher o vazio onde o golpe da palma da mão dele assentou antes.

Mordo a língua ao protesto seguinte, à dor e a qualquer som intermédio quando ele entra em mim, numa ereção a meio gás — o álcool, o meu ar repugnante, o facto de ter feito isto minutos antes com outra, dificultam a sua investida.

— Quando fodes comigo, eu fodo-te — diz ele a carregar sobre mim.

Dou voltas à cabeça a tentar descobrir qual a ofensa que cometi. Há três meses que ele se porta bem; que nos portamos bem. Tenho tido tanto cuidado.

Dói.

As mãos dele encaixam-se debaixo do meu rabo para ajudarem à estocada.

— Gorda. Nojenta e gorda — diz ele a agarrar a pele que tenho a mais com tanta força que até grito. Tento agarrá-lo para me soltar, a mão esquerda prende-se-lhe ao ombro, a direita resvala na face abaixo do olho com uma unha antes de chegar ao peito.

A reação faz com que ele me aperte ainda com mais força, a torcer-me a carne no punho cerrado.

Tiro as mãos, mordo o grido que me quer sair e rezo para tudo acabar.

Ele sai, e o medo embarga-me a garganta. Estendo a mão para o puxar para dentro, mas é tarde de mais.

— Vaca nojenta. — O golpe nas costelas é muito mais forte do que o que ele me deu na cara, e com isso sei que ele sabe o que está a fazer. Um hematoma debaixo da blusa não se vê.

Viro-me e tento enrolar o corpo, mas a mão esquerda dele prende-me os pulsos acima da cabeça e a direita fecha-se-me no pescoço. Engasgo-me e sinto os olhos a saírem das órbitas, e a recordação de há um ano volta com um terror puro. Ele mostra os dentes, não é sorriso, solta o torno ligeiramente para o ar me entrar nos pulmões com um silvo e, com força renovada, entra violentamente outra vez para acabar o serviço.

Fico deitada a sorver ar mas, de resto, não me mexo.

Quando acaba, sai, dá-me um pontapé de despedida brutal na coxa e vai a cambalear para a casa de banho. Um segundo antes de a porta se fechar, atira-me algo leve e claro, que aterra ao meu lado, o canto a roçar-me na orelha.

— Torna a mentir-me e eu mato-te, foda-se — diz ele. A fechadura faz clique e chuveiro começa.

As lágrimas e o sémen escorrem quando obrigo o meu corpo trémulo a sentar-se.

O sol fino da manhã a entrar pelas persianas deixa-me luz suficiente para compreender. Ao meu lado no chão está uma caixa de tampões vazia.

A caixa tem estado escondida no estojo de higiene do meu saco de desporto. Tinha escondido três doses de *Next Choice*, também conhecida

como pílula do dia seguinte. É o contraceptivo que tenho tomado nos últimos seis meses. Ao contrário das pílulas anticoncepcionais, posso comprar sem receita e não há registo que Gordon possa encontrar.

Ele quer mais. Eu não me aguento com o que já tenho.

Saio a cambalear do quarto, tranco-me na casa de banho das visitas e tento lavar a última meia hora do meu corpo. As nódoas vermelhas nas costelas e na coxa e as marcas dos dedos no rabo não se podem lavar, mas as outras provas — as minhas lágrimas e a semente dele — esfrego até ficar a arder.

O travo metálico do sangue toca-me na língua, e apercebo-me de que tenho o lábio a sangrar. Faço pressão com um lenço de papel na ferida para estancar o sangue.

O chuveiro de Gordon deixa de se ouvir e eu agacho-me a um canto, olho para a porta, espero.

Balouço-me, abraço os joelhos ao peito — assustada, nauseada, exultante — agradecida por estar viva. Fico obcecada com o coração que bate, o sangue que me corre nas veias, o oxigénio que me enche os pulmões.

Até quase morrermos, não apreciamos o fio ténue que nos liga à vida mas, quando ficamos a um sopro da nossa mortalidade, ganhamos repentinamente noção da sua precariedade.

Por mais demente que seja, e reconheço que é demente, nunca estou tão grata pela minha vida como no momento em que me apercebo de que Gordon não me matou.

Sinto as costelas a latejar, e tenho frio. Enrolo uma toalha ao rabo nu e continuo à espera.

O medo faz-me uma coisa estranha — um minuto ou uma hora, não tenho a certeza — mas abre-se uma porta diferente da que estou à escuta, e salto do meu encolhimento e saio para o corredor.

— Mamã...

A minha mão bate com tanta força na boca de Addie que a toalha se solta e cai no chão e, ato contínuo, a minha filhinha desata a chorar. A minha mão abafa o barulho, e rezo para Gordon não ouvir. Levo Addie de volta ao quarto dela e dou um coice na porta para a fechar. Corro para o canto oposto onde os animais de peluche enchem um pufe e sento-a, puxando-a para mim para a acalmar.

— Sossega — digo baixinho, a rezar para ela não começar a chorar. Tem os olhos arregalados de dor e medo. — Desculpa, fofinha — digo, a afagar-lhe os caracóis ruivos.

Ela geme e até me corta o coração.

— Porque fazes aquilo? — pergunta ela.

Abano a cabeça, sem saber se o gesto é por não saber explicar, porque a vergonha não me deixa explicar, ou porque a explicação é um fardo para quem tem quatro anos.

— Não queria que acordasses o papá — respondo sem mentir.

Ela inclina a cabeça ligeiramente, depois endireita-se, satisfeita com a explicação.

— Quero fazer chichi. — As lágrimas deixaram de correr, parece que ela já deixou o momento para trás.

Pego-lhe na mão e levo-a silenciosamente para a casa de banho, apanho a toalha que me serve de sarongue pelo caminho.

Sento-me ao lado dela enquanto ela faz chichi.

Ela olha para o meu rosto com ar sonolento.

— Porque é que tens sangue? — pergunta, os ombros encolhidos de tédio à espera de que a bexiga lhe recorde porque a acordou.

Pergunta sem resposta.

### CAPÍTULO 3



— Come — manda Gordon. — Tens de sair porta fora em meia hora.  
O meu corpo protesta quando me tento soerguer e recostar na almofada. Ele passa-me um prato com uma fatia de torrada integral e um ovo escalfado.

Não fala na razão para eu estar no quarto das visitas e eu também não.

Em momentos como este, pergunto-me se não serei eu a louca e se o pesadelo terá realmente acontecido.

Ele dá palmadinhas no edredão por cima da minha barriga, e as costelas pisadas encolhem-se ao toque, a lembrar-me sem incerteza nenhuma de que o pesadelo foi, de facto, real.

— Bom dia, filho — diz ele com um sorriso festivo, como se a atuação de há pouco fosse um triunfo glorioso de fazer bebés a celebrar. No rosto um arranhão vermelho que nem dois centímetros tem, testemunho desgraçado da minha falta de resistência.

É assim a vida, uma explosão inesperada passados meses de calma. Sempre, logo quando começo a descontrair-me e a acreditar que estou a salvo, logo quando a vida retoma o ramerrão e sou embalada a crer que não foi tão mau como me recordo, ou que não vai acontecer outra vez — trás! Acontece outra vez, pior do que me lembrava, sempre mais aterrador e pior.

Addie entra de rompante no quarto.

— Papá, ‘tás em casa!

Gordon levanta aqueles quatro anos de gente nos braços, pespega um beijo no topo dos caracóis ruivos e depois leva-a ao chão num rodopio.

Os pés de Addie tocam na alcatifa e ela vira-se para mim.

— Bão dia — diz a saltar para cima da cama e a abraçar-me pelo pescoço, depois afasta-se, a cara sardenta a abrir-se num sorriso enorme. — Tenho uma penda de anos pa'ti. — E vai-se embora com a mesma pressa com que apareceu.

Gordon senta-se na beira da cama ao meu lado e põe a mão na minha barriga.

— Também me agrada ter outra menina — diz, e eu obrigo-me a não tremer.

Addie voltou. Tem nas mãos um embrulho feito de páginas de revista presas com fita-cola.

— Abre. Abre — diz ela, a energia a zumbir como uma vespa com o cio.

Abro o embrulho.

— Fui eu que fiz.

Seguro numa faixa comprida de flanela aos quadradinhos amarelos e azuis. Tem cerca de metro e meio e a largura vai de alguns centímetros a quase meio metro. Reconheço um bocado das mantas de bebé de Addie.

— É lindo.

— É um cachecol.

— Ah.

— Para se tiveres borrões outra vez.

Os olhos de Addie cintilam, os do Gordon desviam-se, os meus enchem-se quando engulo as emoções bem para baixo. Não achei que ela se lembrasse. Tinha esperança de que se tivesse esquecido.

Há fita-cola nas pontas que ameaçam esgaçar.

Se falar, as lágrimas fogem-me, portanto anuo e enrolo a prenda macia ao pescoço conforme a recordação me vem outra vez — há quase um ano, a minha vida a escurecer com o Gordon a estrangular-me. Depois, os «borrões» — vermelho inchado, azul pisado, verde carmesim, amarelo icterícia — um mês de alterações cromáticas a rodear-me o pescoço até desaparecerem.

— Como é que ficas com borrões? — pergunta Addie.

Gordon dá uma palmada na própria coxa e Addie sobe-lhe para o colo e põe-lhe os bracinhos cor-de-rosa à volta do pescoço.

— Às vezes, Ad, a pessoa fica muito zangada ou muito triste — diz ele — e magoa-se por acaso. Foi o que aconteceu à mamã, mas depois o papá apareceu e travou-a e ela ficou logo melhor.

Mil descargas elétricas não me podiam chocar mais.

Fico a olhar para o meu marido a tecer esta teia horrível, medo e vergonha a juntarem-se para esmagarem o orgulho e a indignação que se erguem como um punho na minha garganta.

*O teu pai estrangulou-me. O teu pai tentou matar-me. O teu pai é demente. Os borrões são do braço dele no meu pescoço a apertar tanto que eu não conseguia respirar.*

A minha boca não se mexe.

Addie senta-se no joelho dele, a mãozinha esquerda no ombro enorme. A direita toca na covinha do queixo dele, e ela estuda-o com tal adoração por um herói que a verdade não a pode estilhaçar.

Passos arrastados, e a cabeça despenteada de Drew aparece, seguida do corpo esguio como um fuso.

Ele deixa-se cair aos pés da cama.

— Bão dia, Drew — diz Addie. — Vês o que eu dei à mamã nos anos? — Ela aponta para o cachecol quando eu começo a tirá-lo.

— Não vais usá-lo?

— Claro que vou. — Torno a enrolar-me na flanela, o pescoço a suar em protesto.

— É uma manta cortada — diz Drew.

— É um cachecol.

— É estúpido.

— Ao menos dei-lhe alguma coisa.

Drew olha para ela com má cara, os músculos tensos.

— Horas de vestir — declaro, para mudar a maré. Addie vai-se embora e Drew arrasta os pés atrás dela.

— Come — manda Gordon. — Come por dois.

Dá-me outro beijo na barriga e sai atrás deles.

É assim a vida, o choque inicial absorvido como uma onda a desaparecer no caos do dia — ignorado, descartado — lembrado em cada fôlego e movimento pisado, mas esmagado pelas responsabilidades

da vida, a zumbir nas sombras da minha mente e a criar uma dormência nublada que, no final do dia, se terá avolumado num medo paralisante.

O padrão é tão familiar, é um *déjà vu* antes mesmo de acontecer.

Nas próximas semanas, vou andar obcecada em impedir outra agressão, em agradecer a Gordon como se ele fosse um rei — a amá-lo e a adorá-lo com uma devoção abjeta. Vou fazer exercício, vou vestir lingerie sexy, vou tentar ser mais bonita do que sou. Vou sorrir e ronronar, abdicar da dignidade, do orgulho, de qualquer sentimento de mim que possa restar, tudo na vã tentativa de impedir que volte a acontecer.

Como agora, embora me sinta enjoada, o organismo todo baralhado, sem condições para comer, obrigo-me a engolir o pequeno-almoço que Gordon me trouxe pela garganta pisada no esforço de lhe agradecer.

Isto há de continuar algum tempo, talvez algumas semanas até que, esgotada, desisto de desespero, me deixo cair numa antipatia tão funda que até sinto um arrepio na espinha de me lembrar. Acordar, respirar, existir, torna-se um fardo — tomar banho, arranjar-me, comer, fora de questão.

É uma altura perigosa — uma altura de sentir nada, de querer nada — uma altura em que já não tenho medo. Por conseguinte, desafio o destino, provoco Gordon e a minha mortalidade com um descaso desmazelado, a convidar e a incitar a minha própria destruição.

Há dois anos, deixei o fogão aceso sem querer/por querer e quase deitava fogo à casa. Noutra altura, destravei, meio intencionalmente, o carro ao estacionar e dei cabo de um parquímetro e do porta-bagagens. Há um ano, tive uma aventura amorosa — roleta russa com cinco balas no revólver.

Engasgo-me com o último bocado da torrada, fecho os olhos e chamo a força de vontade para não a deitar fora.

Se sobreviver, se não me destruir, Addie e Drew hão de acabar por me trazer do parapeito, e os pensamentos além do presente hão de começar a surgir conforme eu pense no futuro deles e no que será deles se não me recompuser e arranjar maneira de consertar as coisas. Com as nódoas negras a desvanecerem-se, a minha determinação há de aumentar, e ficarei decidida a reivindicar a minha vida.

Gordon sente isso, sabe instintivamente quando começo a recobrar forças.

Deitados na cama, eu com a cabeça à roda e ideias de fuga, ele há de virar-se para mim.

— Jill, tu sabes o quanto eu te amo.

Hei de anuir.

— Se alguma vez te perdesse... — A voz dele há de sumir-se e ele há de abanar a cabeça, depois olha para mim frontalmente para eu poder testemunhar a veracidade no seu olhar. — ... ficaria louco.

Ele é louco. Disso já eu sei.

— Não me vais deixar — dirá ele. — Não farias uma coisa dessas, pois não? A mim e aos miúdos?

E o meu coração torcer-se-á de terror por Addie e Drew.

É assim que vai ser. É por isto que tenho ficado.

Pouso o prato vazio na mesa de cabeceira e, dormente e dorida, cambaleio para o nosso quarto.

Vou a coxear e tento obrigar a perna esquerda a dobrar-se, mas os músculos castigados recusam-se a colaborar.

Cada passo me dói. Tenho a pélvis pisada, as costelas latejam a ponto de me ocorrer que estejam rachadas. A meio caminho, desato a correr como uma aleijada, lanço-me para a casa de banho e chego mesmo a tempo de vomitar os meus esforços na sanita.

Puxo o autoclismo para levar as provas e, com a cabeça à roda, obrigo-me a sentar. Encosto a testa à beira fria do armário. Mais abaixo, o caixote do lixo mostra a caixa de tampões vazia, e as dores intensificam-se conforme respiro mais fundo de desespero. Não posso estar grávida. Já estou à beira da rutura.

A mão de Gordon no meu pescoço foi um aviso, quando me soltou, um gesto de misericórdia. Fecho os olhos e sinto os dedos dele apertarem-me, a débil corrente de ar a sibilar rumo aos pulmões.

Se eu ficar, ele há de matar-me.

Se eu partir, ele há de destruir Addie e Drew. É o impasse impossível que me resta.

Há uma terceira possibilidade, mas finjo nem a reconhecer. Como uma comichão que tenho medo de coçar por medo de infectar e alastrar, viro-lhe costas, fecho os ouvidos, tapo-a com um lençol mas, qual

elefante na sala, não se a consegue escamotear — tem cheiro, tem voz, ocupa demasiado espaço.

NÃO!, grito. Recuso-me a reconhecê-la, a considerá-la. Empurro-a para trás. Não arreda pé.

Enfio a roupa e abro a torneira para a abafar.

*Foge, sussurra-me.*

Aplico a maquilhagem, uma pesada camada de base e um tom escuro de batom para ocultar a verdade.

*Leva os miúdos e foge. Esconde-te onde ele não te puder encontrar.*

Deixar o emprego, a casa, os meus pais?

Não posso... Não quero...

*Ele há de matar-te; ele há de destruí-los.*

— Jill, vamo-nos embora. — Chamam-me lá em baixo.

Misericordiosamente, a escolha terá de esperar. Como todas as ocasiões anteriores, neste momento, o meu foco é a sobrevivência — sobreviver a este momento, a esta hora, a este dia.

— Jill!

Levanto-me com as pernas bambas; o tempo de decidir acabou-se.

\*\*\*

O almoço de Drew está pronto em cima do balcão, a mochila dos Angels no chão.

Gordon entra com a outra farda que a maior parte dos polícias da esquadra usam — t-shirt branca, *Levi's 501* escuras e um corta-vento azul que lhe esconde a *Glock*.

Tira uma banana da fruteira das bananas em aço inoxidável e avança para a porta. Vai treinar, depois volta para dormir umas horas antes de passar o resto do dia com Addie. Esta tarde, há de treinar Drew e os Laguna Beach Indians.

— O jogo é às 18h — lembra-me ele, o tom eivado de avisos.

Anuo.

A porta fecha-se nas costas dele, e respiro.

Escovo os caracóis ruivos de Addie, embora voltem logo a ficar uma cabeleira indomável, e termino mesmo quando a porta da frente se abre, a deixar vir o ar fresco da manhã junto com a minha mãe.

— Bom dia — diz a minha mãe, e não é preciso mais nada.

Addie corre para a minha perna, e o tremor antes da erupção começa. A tremura começa no lábio, depois alastra ao queixo e às faces, culminando num choro de enregelar o sangue quando ela se agarra à minha saia para me impedir a partida.

Drew põe a mochila às costas e assiste sem se deixar impressionar. Quando chegarmos ao carro, há de classificá-la na escala de Richter de Addie. A de sexta-feira foi ligeira, apenas seis. A de hoje prepara-se para ser nove.

A minha mãe passa por nós e serve-se de um copo de sumo de laranja. Sanar birras não faz parte das obrigações dela, nem das habilitações. Senta-se ao balcão a bebericar o sumo e a folhear a edição mais recente da *Redbook*.

Desprendo as mãos de Addie da saia e quase consigo escapar, mas ela atira-se outra vez, o que me faz doer as costelas pisadas.

— Bolas — sai-me sem querer.

A minha mãe faz má cara, aborrecida com esta imprecação que lhe interrompeu a leitura.

— Addie, fofinha, tu sabes que a mamã tem de ir trabalhar. — Esforço-me, embora a voz tensa mal transmita a súplica simpática que era minha intenção. As costelas latejam-me, e o relógio não para.

Addie agarra-se ainda mais e grita mais alto, e não tenho tempo para isto. Drew vai chegar atrasado; eu vou chegar atrasada. Solto-me da minha filha chorosa, agarro em Drew pela mão e levo-o porta fora.

Na viagem, o stress amaina; olho para o espelho e vejo Drew sentado e sossegado no banco de trás. A melena de cabelo louro cai-lhe sobre a testa e já se enrola nas orelhas. Os olhos azuis são como os de Gordon, as pestanas compridas são minhas. Desde que fez oito anos, já não senta no assento elevatório, e a vista que tenho dele fica limitada aos olhos, que olham em frente solenemente a estrada e o destino relutante da escola.

— Bom dia — digo eu.

Ele sorri pela primeira vez nesse dia, um trejeito anémico sem mostrar os dentes.

— Vermelho ou azul? — pergunto.

— Vermelho.

Ele escolhe sempre vermelho, porque o vermelho vence quase sempre.

Começamos a contagem. Esta manhã, os carros azuis estão na moda e ganho logo avanço mas, depois, falho alguns e, quando encostamos na faixa para deixar alunos na escola, estamos empatados. Ele abre o cinto mesmo quando passa uma professora num *Mini Cooper* vermelho.

— Ganhas tu — digo eu.

## CAPÍTULO 4



**E**ntro na torre de vidro e aço e subo ao décimo quarto piso, onde ficam os escritórios da direção da Harris Development. A Harris é a terceira maior empresa de arquitetura do país, com perto de mil empregados e seis filiais em todo o mundo. No ano passado, fizemos mais de mil milhões de dólares em projetos, desde prisões a complexos residenciais. Estou na firma desde que me formei há 16 anos e tenho subido até me tornar na mais jovem vice-presidente da empresa e braço-direito do presidente e diretor-geral, cargo que me deleita e que defendo com orgulho. O meu mantra é *Seja o que for que tu faças, eu sei fazer melhor, e dar o ar de quem nem sequer se esforça muito*. Para concretizar isto, é preciso não bocejar, comer ou fazer chichi.

Assim que passo as portas de vidro com três metros de altura, o meu mundo muda e, durante dez horas por dia, cinco dias por semana, evado-me.

Sherman McGregor está sentado à minha frente, como fez uma dúzia de vezes no passado ano, mas hoje será a última. Em poucos minutos, eu e ele vamos apertar as mãos, dar-se-á a fusão das nossas empresas e cada qual seguirá o seu caminho.

Ele tem o dobro da minha idade e dez vezes mais concretizações, pelo que lhe permito estes últimos momentos. Ele vai aceitar, mas também compreendo o quanto não quer aceitar.

— Melhor para quem? — pergunta ele.

— Para toda a gente — respondo eu.

— Mas muito melhor para a Harris?

— Provavelmente.

Sessenta anos trouxeram-no a isto, uma vida inteira de paixão, suor e realização reduzida a uma venda de tudo ao adversário de uma vida por uma pequena fortuna que ele não terá tempo de gastar. Sabe muito bem, como eu também sei, que ainda antes de a tinta secar, ele será um velho, outrora grande, que deixou de ser relevante.

Com um fôlego silencioso, ele endireita-se na cadeira e diz:

— Jillian, eu diria que tu vales quanto pesas em ouro à Harris mas, como só pesas quilo e meio, seria um eufemismo grosseiro.

— Já pesei mais, mas depois entrou-me na vida a McGregor Architects.

O humor desvanece-se com a menção da empresa homónima.

— Três filhos, cinco netos, e nem um quer ter algo a ver com o negócio que lhes tem pago a vida — diz ele, com a papada a abanar.

Já tivemos esta conversa. Sherman é da velha guarda — trabalhar muito e merecer o que se tem. Os filhos dele são da nova geração — gozar muito e gastar o que se tem.

Os meus filhos são décadas mais novos do que os dele, mas eu sinto o desapontamento. Até termos filhos, não percebemos que os mundos e as ideias deles não refletem necessariamente as nossas e que os caminhos deles serão muito próprios.

Com o pensamento na minha própria família, olho para o relógio.

O dia já começou e já há demasiadas coisas a despachar.

— Vou dizer ao Connor que trate dos papéis — digo-lhe. Sherman grunhe.

— O tubarão do Harris.

Connor Enright é o advogado da Harris Development e o meu melhor amigo. É o único empregado que ganha mais do que eu, e vale cada nota. Merece aquele vencimento por negociar implacavelmente as transações da Harris e também por limpar as porcarias pessoais do Harris, coisas que não faltam. Nos últimos dois anos, tem sido um espinho cravado na carne de Sherman, a semear o caos no batalhão de advogados que Sherman tem empregado para negociar este acordo.

— O Sherman também tem daqueles bem grandes do seu lado — digo-lhe.

Ele assente e estende a mão. Tem sido uma batalha nobre — a aquisição nada amigável mas, em derradeira análise, necessária para a sobrevivência de ambas as empresas.

— Jillian, não gostaria de ter travado uma guerra com mais ninguém no mundo.

— Igualmente. — Seguro-lhe a mão grande e nodosa com as minhas duas.

Com os ombros ligeiramente mais soçobrados do que quando entrou no gabinete, Sherman sai porta fora.

## CAPÍTULO 5



**P**ercorro o labirinto de cubículos habitados pelos projetistas e arquitetos que desenham o futuro tridimensional em duas dimensões.

Demasiados olhares. Demasiados sorrisos tímidos.

*Merda.*

Há mais de uma centena de empregados no escritório da Harris Development no oeste, e parece que cada aniversário serve de pretexto para parar de trabalhar e arrastar toda a gente para o refeitório, a fim de haver uma comemoração «surpresa» do seu envelhecimento.

Além do mar de compartimentos cinzentos, reparo na cabeça louca de Connor, «o tubarão», a trabalhar no gabinete com paredes de vidro, e faço um pequeno desvio.

— Connor, cancela tudo.

Ele levanta a cabeça da leitura e sorri sem mostrar os dentes — trejeito que, em pequeno, lhe deve ter arranjado mais sarilhos do que aqueles realmente causados.

— Cancelo o quê?

— A festa que tiver sido congeminada em nome do meu aniversário.

— Tu fazes anos? — pergunta ele a levar a mão à gaveta, a tirar um envelope prateado e a mostrar-mo, com o sorriso a abrir-se mais.

Do lado de fora do envelope, numa letra belíssima, está a alcunha que Connor me pôs, «Jinks», amorosamente escolhida para mim por causa do ar e da esperteza que partilho com a Velma do *Scooby-Doo*.

Na parte da frente está um casal de meia-idade a jogar ténis; por baixo da ilustração, lê-se «Amor 40».

Do lado de dentro, diz «Bolas novas, se faz favor».

Preso com clipe ao lado de dentro estão dois bilhetes para o Wicked. Até se me enche o coração. Porque é que os homens não podem ser todos assim bons?

Porque assim seriam todos *gays*, a procriação acabaria e a raça humana passaria à extinção.

— Leva-me a mim, a mim — diz ele, a saltitar na cadeira com a mão no ar.

Dou a volta à secretária de vidro e cromados e abraço-o.

— Quem mais poderia levar?

— Bem, achei que sentirias obrigação de levar o pedaço de homem das cavernas a que chamas marido.

— Ver homens e mulheres a cantar e a dançar em collants não é propriamente a cena do Gordon.

— Minha também não é — diz ele. — Prefiro cantar e dançar sem collants. Grandes planos para o grande evento?

— Apenas jantar fora com os meus pais na quarta-feira. Nada de grande nem sexy.

— Pois fica ciente, quando eu entrar nos «entas», estou a contar com grande e sexy. — Ele abre as mãos sobre a cabeça até cerca de 30 centímetros. — Bem grande.

— Credo.

Ele faz-me um sorriso radioso, e as sobrancelhas sobem e descem duas vezes.

— Por falar nisso, olhos castanhos lindos, bons dentes e belo cabelo vem aí hoje, e é para te dizer que te portes bem.

— Mas eu porto-me sempre bem.

— Jinks, a sério. Precisamos disto.

— E os miúdos para quem estamos a construir a escola merecem janelas.

— Gostas dos meus sapatos? — pergunta ele, a mexer a perna cruzada para a frente e para trás, a mostrar-me os *Prada* bem lustrosos. — Porque eu gosto. Gosto dos meus sapatos, do meu *BMW*, do meu apartamento, do meu cartão do Sports Club. É loucamente superficial

e liminarmente egoísta, e já me flagelei repetidamente pela frivolidade porque tu tens razão, os miudinhos que moram na Compton devastada pela guerra deviam ter os benefícios da luz e do ar. Porém, vamos ser razoáveis. Se perdermos este contrato — ele olha com ar angustiado para o pé — acabam-se os sapatos.

— Eu porto-me bem.

— Ótimo, então vai lá à tua vida. Tenho mais umas coisas a tratar antes de me chamarem a participar no teu espetáculo.

— Matem-me já.

— Os plebeus precisam destes momentinhos de pausa e de contínuas doses de calorias inúteis e açúcar para se manterem sãozinhos.

— És tu o responsável?

— Nem pensar. Os aniversários depois dos 30 são como os puns, é melhor dá-los em privado.

**«SE EU FICAR, ELE MATA-ME.  
SE EU FUGIR, ELE VAI DESTRUIR  
OS NOSSOS FILHOS.»**

Jillian tem uma carreira sólida, o casamento perfeito, um marido que todas invejam e dois filhos lindos. Ela é um exemplo para todos. Só que nem tudo é o que parece, e a realidade dela é assustadora. Violência doméstica, desprezo emocional, alcoolismo... A vida de Jill é um filme de terror constante.

Subitamente, o seu pior pesadelo torna-se realidade: num ato de desespero, vê-se obrigada a fugir com os dois filhos, sem dinheiro ou plano de fuga.

Quando o marido a acusa de sequestro, tem início um duelo desigual, em que de um lado está a polícia e agentes federais que procuram os menores raptados, e do outro uma mulher determinada a fazer tudo para proteger aqueles que mais ama.

**A única arma de Jillian é a verdade,  
mas ninguém parece acreditar nela...**

---

«Este romance cinematográfico, com um ritmo intenso, sobre uma família disfuncional moderna, contém doses de ação, ansiedade e medo. Uma narrativa inteligente e repleta de suspense.»

— PUBLISHER'S WEEKLY

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-45-6



9 789898 843456

Literatura Traduzida